



**CORPOS QUE DESOBEDECEM: NEY MATOGROSSO, PERFORMANCE
E MASCULINIDADES NOS ESPAÇOS EDUCATIVOS**

**CUERPOS QUE DESOBEDECEN: NEY MATOGROSSO, PERFORMANCE
Y MASCULINIDADES EN LOS ESPACIOS EDUCATIVOS**

**BODIES THAT DISOBEY: NEY MATOGROSSO, PERFORMANCE AND
MASCULINITIES IN EDUCATIONAL SPACES**

Thicyane Gomes de Oliveira Gonçalves de Lima¹

Isaias Batista de Oliveira Júnior²

RESUMO

Este artigo propõe uma reflexão sobre as performances de gênero do artista Ney Matogrosso, tomando como objeto analítico o filme *Homem com H* (2025) dirigido e roteirizado por Esmir Filho, que narra a trajetória artística e política do cantor. A partir dos aportes teóricos dos estudos de gênero e masculinidades, com enfoque em perspectivas pós-estruturalistas e decoloniais, investigamos como o corpo e a performance do artista atuam como dispositivos pedagógicos. O objetivo é analisar de que modo essas expressões artísticas tensionam as normas da masculinidade hegemônica e contribuem para repensar processos formativos, tanto escolares quanto não escolares, marcados por corpos dissidentes. A metodologia utilizada é qualitativa, baseada na análise cultural e documental. Os resultados indicam que a arte de Ney Matogrosso provoca uma desestabilização simbólica dos papéis de gênero, sendo potencialmente educativa para a formação das subjetividades contemporâneas.

PALAVRAS-CHAVE: Masculinidades. Performance. Corpo. Educação

RESUMEN

Este artículo propone una reflexión sobre las performances de género del artista Ney Matogrosso, tomando como objeto de análisis la película *Homem com H*, que narra su trayectoria artística y política. A partir de aportes teóricos de los estudios de género y masculinidades, con un enfoque en perspectivas posestructuralistas y decoloniales, investigamos cómo el cuerpo y la performance del artista operan como dispositivos pedagógicos. El objetivo es analizar cómo estas expresiones artísticas tensionan las

¹Especialista em Neuropsicopedagogia Clínica. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil.

²Doutor em Educação. Universidade Estadual do Paraná, Apucarana, Paraná, Brasil.

normas de la masculinidad hegemónica y contribuyen a repensar procesos formativos, tanto escolares como no escolares, marcados por cuerpos disidentes. La metodología utilizada es cualitativa, basada en el análisis cultural y documental. Los resultados indican que el arte de Ney Matogrosso provoca una desestabilización simbólica de los roles de género, siendo potencialmente educativo para la formación de subjetividades contemporáneas.

PALABRAS-CLAVE: Masculinidades. Performance. Cuerpo. Educación.

ABSTRACT

This article proposes a reflection on the gender performances of the artist Ney Matogrosso, taking as its analytical object the film *Homem com H*, which narrates his artistic and political trajectory. Drawing on theoretical contributions from gender and masculinity studies, with a focus on post-structuralist and decolonial perspectives, we investigate how the artist's body and performance operate as pedagogical devices. The aim is to analyze how these artistic expressions challenge hegemonic masculinity norms and contribute to rethinking formative processes, both formal and informal, characterized by dissident bodies. The methodology is qualitative, based on cultural and documental analysis. Results indicate that Ney Matogrosso's art provokes a symbolic destabilization of gender roles, being potentially educational in the formation of contemporary subjectivities.

KEYWORDS: Masculinities. Performance. Body. Education.

* * *



Introdução

Estudos sobre gênero, sexualidade e identidade ganharam destaque crescente como áreas fundamentais para compreender as dinâmicas da educação e da cultura contemporânea. Tradicionalmente concebida como um espaço destinado à formação intelectual e social, a escola configura-se simultaneamente como um território de disputas simbólicas, especialmente no que diz respeito à normatização dos corpos e das subjetividades. Nesse contexto, o cinema revela-se uma poderosa ferramenta pedagógica, que promove experiências formativas carregadas de sensibilidade, crítica e transformação. Com suas narrativas visuais que mobilizam afetos e despertam questionamentos, o cinema amplia os horizontes de pensamento dos sujeitos em formação.

Em paralelo, os estudos sobre masculinidades têm avançado na análise de suas múltiplas formas de expressão, resistência e reprodução, com especial ênfase nas masculinidades dissidentes, aquelas que se posicionam fora das normas da masculinidade

hegemônica, caracterizada pela branquitude, heterossexualidade, cisgenerideade e ocidentalidade (Raewyn Connell, 1995). Dentro desse campo de disputas, o corpo assume a dimensão de um espaço simbólico e político, atuando como um dispositivo pedagógico (Judith Butler, 2013; Paul B Preciado, 2008).

É dentro desse cenário que a trajetória artística de Ney Matogrosso emerge como um objeto de estudo particularmente relevante. Reconhecido como ícone da música brasileira, Ney desafia, desde a década de 1970, as convenções estabelecidas de gênero e sexualidade através de uma performance corporal marcada por ousadia e forte carga política. O filme *Homem com H* (2025), dirigido por Esmir Filho, narra essa trajetória e oferece uma representação que desloca as fronteiras do masculino, ao inscrever no corpo do artista uma potência estética e formativa.

O presente artigo realiza uma análise cultural do filme *Homem com H*, com o intuito de compreender de que maneira a performance de Ney Matogrosso pode ser concebida como uma prática cultural e um instrumento pedagógico capaz de problematizar os modelos hegemônicos de masculinidade excludentes, propondo, assim, novas perspectivas para a compreensão, vivência e ensino do ser masculino. A pesquisa adota uma abordagem metodológica qualitativa, de natureza interpretativa, centrada na articulação entre performance, cinema, educação e subjetividade.

Procedimentos Metodológicos

Este artigo insere-se no campo da pesquisa qualitativa, com abordagem interpretativa, fundamentada nos estudos culturais, de gênero, bem como nas epistemologias pós-estruturalistas e decoloniais. A escolha metodológica decorre do interesse em compreender os modos como as performances de gênero, neste caso, aquelas encarnadas por Ney Matogrosso, produzem sentidos e afetações nos discursos contemporâneos sobre masculinidades, com ênfase na educação das sensibilidades e na formação de subjetividades.

O principal objeto de análise é o filme *Homem com H* (2025), dirigido por Esmir Filho, que narra a trajetória artística e pessoal do cantor Ney Matogrosso. O filme é aqui tratado como um artefato cultural, compreendido não apenas como uma representação biográfica, mas como uma construção discursiva, repleta de sentidos políticos, estéticos e pedagógicos. A análise foi conduzida a partir da identificação de cenas, falas e performances que tensionam as normatividades de gênero e sexualidade.

A abordagem metodológica mobiliza a análise cultural, entendida como uma forma de leitura e interpretação dos sentidos inscritos em textos midiáticos e artísticos, considerando seus contextos históricos, sociais e políticos (Stuart Hall, 2003). Articula-se, ainda, à perspectiva da análise discursiva pós-estruturalista, a partir da qual se comprehende que os significados são instáveis, contingentes e atravessados por relações de poder (Butler, 2013; Foucault, 1988).

Além do filme, foram considerados outros materiais que compõem o repertório estético e político de Ney Matogrosso, tais como entrevistas, aparições públicas, performances e registros audiovisuais diversos. A triangulação dessas fontes possibilita uma leitura mais ampla e aprofundada do artista enquanto figura pública e pedagógica.

Dessa forma, esta pesquisa propõe uma articulação entre arte, corpo e educação, analisando como subjetividades dissidentes podem operar como práticas formativas e contribuir criticamente para o questionamento dos discursos normativos de gênero, ainda amplamente reproduzidos nos espaços escolares e na cultura.

Masculinidades, corpo e performance

A compreensão das masculinidades enquanto construções sociais, culturais e políticas implicam reconhecer sua pluralidade e instabilidade.

A masculinidade hegemônica pode ser definida como a configuração da prática de gênero que incorpora a resposta atualmente aceita para o problema da legitimidade do patriarcado, que garante (ou é assumido como garantia) a posição dominante dos homens e a subordinação das mulheres (Connell, 1995, p. 82).

Ou seja, trata-se daquela masculinidade que ocupa uma posição de dominação dentro de uma hierarquia de masculinidades, sendo frequentemente associada a características como força física, agressividade, racionalidade e heterossexualidade compulsória. Tal configuração, porém, não é natural nem estática: é historicamente situada e constantemente desafiada por outras formas de viver e expressar o ser masculino.

Se a verdade interna do gênero é uma fabricação, e se o gênero verdadeiro é uma fantasia instituída e inscrita sobre a superfície dos corpos, então parece que os gêneros não podem ser nem verdadeiros nem falsos, mas somente produzidos como efeitos da verdade de um discurso sobre a identidade primária e estável (Butler, 2013, p. 182).

Nesse contexto, os estudos de gênero pós-estruturalistas destacam o papel do corpo como suporte e veículo de performatividade. Para Butler (2013), o gênero não é uma essência interna ou um dado biológico, mas sim um efeito da repetição de atos, gestos e discursos que conformam o sujeito. O corpo, portanto, é produzido por normas sociais que regulam o que pode ser visível, aceitável ou inteligível como masculino ou feminino.

A performance, nesse sentido, torna-se uma prática política e pedagógica: não apenas espelha uma identidade, mas a constitui, e pode também subvertê-la. Corpos que escapam às normas, que atravessam fronteiras simbólicas de gênero, tornam-se, por isso mesmo, corpos que educam. Como argumenta Preciado (2008), os corpos são tecnologias vivas que podem tanto reproduzir quanto resistir às normas que os produzem. Assim, a performance de gênero, especialmente quando associada à arte e à cultura, manifesta-se como um forte espaço de intervenção social e educativa.

No campo da educação, esse debate é especialmente relevante. A escola, enquanto instituição moderna de produção e reprodução de saberes, tem historicamente contribuído para a normatização dos corpos e subjetividades. Desde os uniformes escolares, passando pela divisão sexual de tarefas e comportamentos, até a repressão de expressões consideradas “femininas” em meninos, os espaços educativos constroem, sustentam e policiam formas específicas de masculinidade (Guacira Lopes Louro, 1997).

Contudo, a própria escola é também atravessada por resistências, contradições e fissuras. Nesse contexto:

Revista Diversidade e Educação

Os sentidos precisam estar afiados para que sejamos capazes de ver, ouvir, sentir as múltiplas formas de constituição dos sujeitos implicadas na concepção, na organização e no fazer cotidiano escolar. (...) Veremos que até mesmo o tempo e o espaço da escola não são distribuídos nem usados — portanto, não são concebidos — do mesmo modo por todas as pessoas (Louro, 1997, p. 59).

Essa reflexão convida-nos a olhar a escola com mais sensibilidade e criticidade, percebendo como os espaços, os sons, os gestos e os silêncios do cotidiano escolar não são neutros: eles participamativamente da constituição dos sujeitos e da reprodução de normas sociais, incluindo aquelas ligadas ao gênero.

Portanto, é justamente nesse espaço tensionado que surgem possibilidades de repensar o que significa ser homem, menino ou masculino. Quando artistas como Ney Matogrosso trazem para a cena pública corpos que performam o masculino de maneira não convencional, contribuem para desestabilizar a noção de que há um único modo

legítimo de existir enquanto homem. Essa desestabilização, por sua vez, tem efeitos pedagógicos, ainda que não institucionalizados, pois atua na formação das sensibilidades, dos afetos e das percepções de quem assiste, sente e interpreta essas performances.

Ney Matogrosso: um corpo fora da curva

Ney Matogrosso surge na cena cultural brasileira nos anos 1970 como uma figura que provoca frontalmente as normas de gênero, sexualidade e corporalidade vigentes em um Brasil atravessado pela ditadura militar e pelo conservadorismo moral. Vestindo-se com roupas ditas femininas, maquiado, de corpo exposto e em movimentos abertamente sensuais e instigantes, Ney não apenas cantava, ele encarnava, em seu corpo e voz, uma outra possibilidade de ser masculino (Julio Maria, 2021).

Desde sua participação no grupo *Secos & Molhados* até a consolidação de uma carreira solo extensa e marcante, Ney Matogrosso construiu uma estética que confronta os limites impostos pela masculinidade normativa. Seu corpo, magro, flexível, quase felino, desafiava a figura viril tradicional, sem, contudo, cair na caricatura do feminino. Em diversas entrevistas e na cinebiografia *Homem com H*, o artista deixa claro que sua intenção nunca foi chocar gratuitamente, mas sim afirmar uma expressão autêntica de si mesmo. Como ele próprio declara:

A liberdade é maravilhosa, e vale a pena lutar por ela (...) as pessoas não precisam viver submetidas à caretice, a dogmas, a nada. Não há nem nunca vai haver governo, nem religião que possa comandar a vida da gente. A gente não pode viver nessa vida para agradar os outros (Ney Matogrosso, 2025).

Essa afirmação sintetiza não apenas sua postura política e existencial, mas também a força pedagógica de sua performance: um convite à liberdade como forma de resistência.

Relacionada, a princípio, às distinções biológicas, a diferença entre os gêneros serviu para explicar e justificar as mais variadas distinções entre mulheres e homens. Teorias foram construídas e utilizadas para ‘provar’ distinções físicas, psíquicas, comportamentais; para indicar diferentes habilidades sociais, talentos ou aptidões; para justificar os lugares sociais, as possibilidades e os destinos ‘próprios’ de cada gênero (Louro, 1997, p. 45).

Nesse trecho, Louro (1997) mostra como a sociedade criou teorias e discursos que naturalizam diferenças entre os gêneros, quando, na verdade, essas são construções culturais. Esse tipo de construção funciona como mecanismo de manutenção do controle social sobre os papéis de gênero.

A liberdade apresentada por Ney, e encarnada em sua performance, torna-o um corpo fora da curva, um corpo que escapa às expectativas. Ao assumir, sem pedir licença, gestos, vestimentas e posturas que não se enquadram nos padrões heteronormativos, Ney Matogrosso performa o que Butler (2013) chamaria de *gênero dissidente*. Essa dissidência não está apenas no visual, mas na própria construção simbólica de sua masculinidade: ao mesmo tempo sensível, forte, sexualizada e politizada.

O filme que relata sua trajetória artística e pessoal nos concede mais do que um registro histórico: oferece uma leitura crítica das normas sociais de gênero e sexualidade. Nele, enxergamos como o artista enfrenta críticas, censuras e incompreensões com uma postura afirmativa, recusando ser delimitado por padrões impostos. Sua figura passa a atuar como um espelho desconfortável da masculinidade normativa: ao expor o corpo, Ney também expõe a fragilidade das certezas sobre o que é “ser homem”.

Segundo Connell (1995), a masculinidade não é algo natural ou definido biologicamente, mas sim uma construção social. Ela se forma a partir de normas e expectativas culturais que indicam como os homens devem se comportar, se expressar, se vestir e se relacionar com os outros. Assim como o gênero, a masculinidade é performativa, ou seja, precisa ser constantemente repetida e reconhecida socialmente para ser validada.

Além disso, a performance contraditória de Ney não se restringe ao palco. Ele afirma um discurso público de liberdade sexual, crítica à homofobia e ao moralismo, com forte engajamento político. Ney performa uma masculinidade como resistência: uma masculinidade que se recusa a ser violenta, que não se constrói pelo silenciamento do feminino ou pela negação da sensibilidade.

Nesse sentido, o corpo de Ney é um corpo pedagógico, não no sentido tradicional do termo, mas como uma experiência estética que ensina, provoca, desestabiliza. Segundo Richard Miskolci (2012), figuras públicas que tensionam as normas sexuais e de gênero cumprem um papel importante na formação das subjetividades contemporâneas, especialmente entre jovens que buscam referências para além do modelo hegemônico.

Após definir a masculinidade hegemônica, Connell (1995) mostra como esse modelo serve para sustentar a estrutura patriarcal. Em outras palavras, trata-se de um

padrão de masculinidade que a sociedade reconhece como legítimo e que mantém os homens em posição de poder, enquanto relega mulheres e outros gêneros a posições subordinadas. Esse modelo também silencia ou inferioriza homens que não se encaixam nesse ideal, como homens gays, sensíveis ou afetuosos, por exemplo.

Ney Matogrosso, portanto, não representa apenas uma exceção artística. Ele é um exemplo vivo daquilo que Michel Foucault (1979) chamou de “corpo como superfície de inscrição dos acontecimentos sociais”. Sua arte nos convida a pensar: Que tipo de masculinidade é construída nos espaços educativos? Que corpos são permitidos? Que performances são ensinadas, toleradas ou reprimidas? E, acima de tudo, como artistas como Ney podem ampliar os horizontes do que entendemos como educação?

Educação das sensibilidades: o que Ney Matogrosso nos ensina?

A experiência estética provocada por corpos dissidentes, como o de Ney Matogrosso, opera como um potente dispositivo de formação das sensibilidades. Ainda que situado à margem das estruturas escolares formais, esse tipo de performance incide de maneira direta sobre os modos de perceber, sentir e atribuir sentido ao mundo, ao próprio corpo e aos corpos alheios. Nesse contexto, Ney ensina não por meio de conteúdos curriculares ou práticas pedagógicas convencionais, mas através da expressividade de sua presença corporal, da estética que encarna, da subjetividade que expõe e da radicalidade de sua liberdade performativa.

A noção de educação das sensibilidades, conforme explorada por Jorge Larrosa (2002), nos ajuda a compreender como a formação dos sujeitos ocorre também (e muitas vezes principalmente) fora dos espaços escolares, em práticas culturais que nos tocam, nos afetam e nos transformam. A arte, nesse contexto, funciona como um campo privilegiado de disputa de sentidos e subjetividades. É por isso que o corpo de Ney, em sua extravagância, vulnerabilidade e potência, constitui uma provação educativa: ele amplia as possibilidades do que se pode ser, sentir e expressar enquanto homem, enquanto sujeito.

Para Larrossa (2002, p. 28) “a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem ‘pré-ver’ nem ‘pré-dizer’”.

Em outras palavras, a experiência educativa, ou qualquer experiência humana verdadeira, não pode ser totalmente controlada ou reduzida a um método fixo. Ela envolve surpresas, transformações inesperadas, aprendizados que não podem ser previstos. Isso a

torna fundamental para o crescimento pessoal e para a abertura a novas possibilidades, diferentemente de um experimento científico que busca apenas confirmar uma hipótese conhecida.

Em oposição à pedagogia da normatividade, que busca enquadrar identidades e fixar comportamentos dentro de padrões sociais estabelecidos, a performance de Ney Matogrosso opera como uma força desestabilizadora. E é justamente nesse gesto de desorganizar que ela ensina. Como afirma bell hooks (2013), uma educação verdadeiramente transformadora é aquela que se arrisca a romper com as estruturas opressoras. Nessa perspectiva, corpos como o de Ney atuam como dispositivos formativos que extrapolam os limites da escola, circulando por territórios simbólicos como o cinema, os palcos e as mídias visuais, produzindo saberes e afetos.

Embora Tomaz Tadeu da Silva (1995) não utilize diretamente o conceito de “pedagogias culturais” cunhado por Henry Giroux (1997), suas reflexões apontam para uma compreensão semelhante: a de que práticas educativas também acontecem em espaços culturais, onde identidades são construídas, valores são disputados e subjetividades são forjadas. Assim, a cultura se configura como um espaço pedagógico potente, onde corpos dissidentes, como o de Ney, instauram outras possibilidades de aprender, imaginar e existir.

Esses espaços são formadores de subjetividades e atuam junto (ou em oposição) aos discursos produzidos na escola. Enquanto muitas instituições educacionais ainda reproduzem normas cisgenderonormativas e sexistas, o contato com representações dissidentes no campo da cultura pode provocar tensões e aberturas nos modos de subjetivação dos/as estudantes.

Segundo Isaias B. de Oliveira Júnior e Eliane Maio (2016), essas instituições frequentemente reforçam expectativas rígidas de comportamento para homens e mulheres, tornando-se ambientes opressores, marcados por violência simbólica e física, o que compromete a saúde mental, o desempenho acadêmico e até a permanência escolar de muitos jovens.

Esse debate torna-se ainda mais relevante quando consideramos que jovens LGBTQIA+ buscam referências identificatórias e modos de existir menos opressivos, e encontram, muitas vezes fora da escola, possibilidades de construir subjetividades que escapem às normas dominantes. Nesse sentido, não se trata apenas de “incluir” artistas como Ney Matogrosso no currículo, mas de pensar em como sua presença simbólica, sua história, seu corpo e sua arte nos obrigam a repensar a própria ideia de educação.

Ney nos ensina que o corpo não é apenas matéria biológica, mas linguagem; que o gênero não é dado, mas performado; que a arte não é mero entretenimento, mas política. Sua figura atua como um contra dispositivo: aquilo que escapa, desafia, desequilibra e, por isso mesmo, ensina.

Como defende Louro (2008), é fundamental que a escola se abra à diversidade de corpos, desejos e subjetividades, reconhecendo a multiplicidade de masculinidades que constituem o mundo contemporâneo. Portanto, refletir sobre a presença de corpos dissidentes como o de Ney Matogrosso nos processos educativos é reconhecer que há pedagogias que se fazem no silêncio, na imagem, no gesto, na música, na cena. E que essas pedagogias podem ser mais potentes do que muitos discursos escolares, pois falam diretamente à sensibilidade, à identidade e à imaginação de quem aprende.

Considerações Finais

Ao longo deste trabalho, refletimos sobre as contribuições da performance artística de Ney Matogrosso para os debates contemporâneos em torno das masculinidades e dos processos formativos. A partir da análise do filme *Homem com H* e com base em aportes teóricos dos estudos de gênero, pós-estruturalistas e decoloniais, buscamos compreender como sua expressão corporal e estética configura um corpo pedagógico, que ensina por meio da provocação, da liberdade e da desobediência.

Ao longo de sua trajetória, Ney Matogrosso recusa os códigos da masculinidade hegemônica e propõe outras formas de habitar o masculino. Sua performance transborda os limites do palco e alcança o campo simbólico e afetivo das subjetividades, contribuindo para a construção de imaginários menos normativos e mais plurais. Ao fazer isso, desafia também os modos como a educação, especialmente a escolar, lida com a diferença, o corpo e o desejo.

Como ele próprio afirma: “Sou honesto, íntegro e defensor do que é verdadeiro. Isso é ser homem com H.” Essa declaração sintetiza a potência formativa de sua presença: um convite à honestidade e à rebeldia sensível frente às masculinidades hegemônicas.

Concluímos que as performances de gênero no campo da cultura exercem um papel formativo fundamental, especialmente quando desestabilizam os discursos dominantes e oferecem outras narrativas possíveis sobre o que significa ser homem. O corpo de Ney Matogrosso, em sua rebeldia poética, torna-se um lugar de aprendizagem sensível e política, ensinando não por imposição, mas por deslocamento. Para os estudos em educação, cultura e masculinidades, reconhecer a potência formativa de corpos

dissidentes como o de Ney é essencial. Afinal, como afirmou Paulo Freire (1996, p.69), “ensinar exige coragem para lutar contra qualquer forma de discriminação, injustiça e dominação”. E Ney tem feito isso com o corpo inteiro, desde sempre. Em tempos de crescente conservadorismo e silenciamento institucionalizado, figuras como Ney Matogrosso nos lembram que a educação das sensibilidades é, também, uma forma de resistência. Que corpos educam, e que, muitas vezes, os corpos que mais ensinam são justamente aqueles que a norma tenta silenciar.

Referências

- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- CONNELL, Raewyn. *Políticas da masculinidade*. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, 1995.
- FOLHA DE LONDRINA. “Sempre fui insolente”, diz Ney Matogrosso. Folha 2, São Paulo, 23 abr. 2025. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/folha-2/sempre-fui-insolente-diz-ney-matogrosso-3271990e.html?d=1>. Acesso em: 8 ago. 2025.
- FOUCAULT, Michel. *A vontade de saber* (História da sexualidade, vol. 1). Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1979.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GIROUX, Henry A. Os professores como intelectuais: Rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- HOMEM COM H. Direção: Esmir Filho. Brasil: Paris filmes, 2025. 130 minutos.
- LARROSA, Jorge. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. In: LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p. 21–44.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 2. ed. São Paulo: Papirus, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: Pedagogias da sexualidade*. Petrópolis: Vozes, 1997.

MARIA, Julio. *Ney Matogrosso: a biografia*. 1.^a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

MISKOLCI, Richard. *Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

OLIVEIRA JUNIOR, Isaias Batista de; MAIO, Eliane Rose. *Re/des/construindo in/diferenças: a expulsão compulsória de estudantes trans do sistema escolar*. FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 25, n. 46, p. 195-208, jul./dez. 2016.

PRECIADO, Paul B. *Testo junkie: sexo, drogas e biopolítica: uma autotopia da passagem*. Paris: Éditions Autrement, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 1^a ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1995.

Recebido em agosto de 2025.

Aprovado em novembro de 2025.

